

Práticas, Desafios e Produção de (Novos) Conhecimentos. O PEJA como espaço de formação.

Maria Rosa Rodrigues M. de Camargo

Arlete de Jesus Brito



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Resumo

Neste artigo relatamos alguns trabalhos elaborados, entre os anos de 2003 e 2008, no âmbito do Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da UNESP de Rio Claro, com o intuito de expor os (novos) conhecimentos que estão sendo produzidos pelos participantes desse projeto. A seguir, realizamos algumas reflexões sobre concepções teóricas que embasam os mesmos. Pomos em pauta reflexões teóricas produzidas no âmbito das práticas educativas efetivas.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Práticas educativas. Produção de conhecimentos.

Practices, Challenges and Production of (New) Knowledge. The Project of Young and Adults Education as a training space.

Abstract

In this study we relate some papers elaborated, between the years 2003 and 2008, in the scope of the Project of Young and Adults Education from UNESP Rio Claro, SP, Brazil, that intend to expose (new) knowledge that have been produced by the participants of the project. Following, we realize some reflections on the theoretical conceptions that are the basement for them. Reflections are made in the scope of the effective education practices.

Key words: Young and adults education. Educational practices. Knowledge production.

Introdução

O Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), criado na UNESP em 2000, visa à integração da UNESP com as comunidades nas quais se localizam os diversos campi, por meio tanto do letramento quanto de ampliação cultu-

ral de adultos que não tiveram acesso à escolarização regular e que pertençam àquelas comunidades, independente de fazerem parte ou não daquela universidade.

Desde seu início, o PEJA foi instalado em sete campi e, em Rio Claro, começou suas atividades em maio de 2001¹. Ressalte-se que o PEJA Rio Claro tem-se pautado como um projeto de construção coletiva, pensado na articulação teórico-prática, que se concretiza na ação de todos os envolvidos, visando a elaboração de projetos para a ação educativa.

O PEJA, no campus de Rio Claro, tem atuado na formação de futuros professores / educadores, oferecendo aos alunos graduandos provenientes dos diferentes cursos existentes no campus, espaços de atuação em classes de jovens e adultos. Tal atuação é acompanhada pela coordenação do projeto que incentiva a criação e registro de práticas educativas que venham a contribuir para uma participação social mais efetiva de jovens e adultos. A sistematização de tais registros tem levado à discussão sobre políticas de EJA e alternativas às mesmas. Deste modo, as ações desenvolvidas por este Projeto tem favorecido uma intensa reflexão sobre a educação de jovens e adultos, além de propiciar um fortalecimento da relação entre pesquisa, ensino e extensão.

Este espaço de reflexão tem desencadeado vários trabalhos de pesquisa no campo da educação de jovens e adultos, tanto em nível de graduação, em trabalhos de conclusão de curso (TCC) ou iniciação científica, quanto de pós-graduação, em nível de mestrado. Há, ainda, a se destacar, o entrelaçamento, nestas pesquisas, com outros campos de conhecimento, como a arte, a história, a história das mulheres, a literatura.

Neste artigo faremos uma breve exposição de alguns desses trabalhos. Os textos escolhidos por nós cobrem o período de 2003 a 2008. Podemos afirmar que, basicamente, dividem-se em dois grupos, quais sejam, os que, apesar de terem surgido da práxis educativa, voltam-se a ponderações teóricas sobre a EJA, como por exemplo o de Souza (2005) e aqueles que ressaltam questões relacionadas à prática docente e à aprendizagem dos jovens e adultos, como o de Brito (2004).

Ressalte-se que para a realização dos estudos aqui apresentados há uma fundamentação teórico-metodológica particular de cada um que vai sendo

¹ No campus de Rio Claro, o Projeto de Educação de Jovens e Adultos: práticas e desafios está sob a coordenação das professoras Maria Rosa R. M. de Camargo (desde 2000) e da Arlete de J. Brito (desde 2007).

constituída ao longo processo; e há a destacar-se, também, que alguns apontamentos teóricos tem sido recorrentes nas discussões dos participantes do grupo envolvido no projeto. É o que apresentamos a seguir.

Alguns apontamentos teóricos

No que concerne à formação de educadores na relação do ensino com a pesquisa e a extensão, buscamos a contribuição da professora pesquisadora Maria Isabel da Cunha (1997), em um texto que se intitula *Aula universitária: inovação e pesquisa*; a autora nos diz que a universidade é talvez uma das instituições mais exigidas da contemporaneidade, com expectativas que vão da formação profissional de qualidade até a resolução de problemas sociais pela pesquisa e pela extensão; que a universidade é o lugar de contradições e tensões [da consciência de si; das múltiplas funções nem sempre compatíveis entre si – polêmica entre fazer pesquisa básica e pesquisa aplicada. No que concerne à prática pedagógica, nesta colide a função da investigação com a função de ensino, uma vez que criação do conhecimento implica em recursos nem sempre disponíveis para o ensino. Das tensões que são uma constante: desde a relação entre ensino e pesquisa, à relação teoria-prática, e à relação decisão acadêmica e controle da distribuição do conhecimento, a autora nos explicita que ensino superior de qualidade tem como pressuposto que a produção do conhecimento se faz não somente pela pesquisa, mas também pelo ensino. Diz ela que

essa idéia se alicerça na compreensão de que, se a pesquisa dá enorme contribuição à formulação de novos parâmetros científicos, a produção do conhecimento pelo ensino, antes de produtos científicos, alcança a produção do pensamento, a capacidade cognitiva e estética do aprendiz. (1997, p.91)

Se deslocarmos essas questões para outros níveis de ensino, na educação básica, ser professora e ser, ao mesmo tempo, pesquisadora já não é tão tranquilo, de acordo com os argumentos que nos apresenta Marli André (2001) num texto intitulado *Pesquisa, formação e prática docente*. A autora põe em pauta a questão de formar professor-pesquisador; ela argumenta sobre as especificidades de pesquisar e de ensinar sendo este último de uma complexidade muito maior. No entanto, nada impede que o professor deva ter espírito de investigação. No entanto, diz a autora, querer que o professor se torne um profissional investigador de sua prática exige que se pense nas exigências mínimas

para sua efetivação: que haja uma disposição pessoal para investigar, um desejo de questionar; que ele tenha formação adequada para formular problemas, selecionar métodos e instrumentos de observação e de análise; que atue em um ambiente institucional favorável à constituição de grupos de estudo; que tenha oportunidade de receber assessoria didático-pedagógica; que tenha tempo e disponha de espaço para fazer pesquisa; que tenha acesso a materiais, fontes de consulta e bibliografia especializada.

São exigências que demandam condições ambientais, materiais e institucionais que um professor, atuando na educação básica, não tem, o que acaba por subestimar a importância do trabalho docente cotidiano, e subestimar os requisitos para um trabalho científico de qualidade.

Tanto uma posição como a outra são decorrentes de uma trajetória de pesquisa, e ensino, de suas autoras, que é muito contundente e respeitável. Sobretudo, são referências nas quais nos apoiamos ao nos preocuparmos com a formação de educadores, futuros docentes, entre os alunos graduandos que atuam no PEJA.

Do lugar de onde se fala, ou se ensina, ou se pesquisa, há mais uma questão que deve ser debatida e que é ponto fundamental nas discussões teóricas no âmbito do PEJA: que visão de conhecimento está em pauta quando falamos nessa outra dimensão que se cria ao considerar como imanente o entrelaçamento ensino, pesquisa e extensão? Que visão de conhecimento está em pauta quando falamos que à professora da educação básica cabe ensinar?

Da visão do que seja conhecimento decorre, sem dúvida, os modos de fazer, em educação. Da visão de conhecimento – que se constrói, junto com o outro, junto com um outro, que se modifica, que gera desafios que intensificam outras buscas, que ao construir junto abre espaço para que o outro traga seus saberes, que se constrói em decorrência de perguntas ou indagações que são de grupo, ou que um elabora na coletividade.

Para além do lugar de ser professor/a e/ ou pesquisador/a, ou educadores em formação, ao emergir uma visão do que seja conhecimento, esta entrelaça-se com o modo como conduzimos nossas pesquisas, e pauta o modo como ensinamos: ensinamos a estar em sociedade, a educar-se para o convívio social, ou temos em vista o educar-se / educar-nos na horizontalidade das relações no que tange à condição humana de ser e de estar para o convívio numa sociedade mais justa, um pouco mais equilibrada nas suas distorções? A visão de conhecimento é um dos pontos marcantes no espaço formador que configura o PEJA.

Tratar da formação de educadores, exercitada nas práticas educativas que envolvem pessoas jovens e adultas, pautada em perspectivas investigativas, remete a visões do que seja o ato de pesquisar e remete a visões do que seja educação. Aqui remetemo-nos a Paulo Freire que, ao mesmo tempo construiu uma crítica feroz à educação, escolar, a que conhecemos como bancária, aquela que tem o propósito de encher as cabeças, e para enchê-las, quaisquer que sejam os conteúdos, há que se esvaziá-la de outros, e os conteúdos a serem esvaziados podemos listar como o querer, o poder de decisão, o espaço de escolhas; o esvaziamento de problemáticas que são inerentes ao grupo em questão, e outros, ao mesmo tempo, nos brinda com uma dimensão das práticas, do praticar a educação, do exercício de educar-se, que até hoje temos dificuldade para seguir / por em ação; talvez porque não tenhamos entendido ainda a profundidade do pensamento do autor, o suficiente para, por exemplo, mudarmos atitudes do fazer, com... referimo-nos à horizontalidade, ao dialogar que é mais do que troca de palavras, mais do que troca de experiências porque é um experienciar junto, na e com a história, condições, desejos e intenções de cada um, é um dialogar que é ser e fazer junto com o outro na e pela linguagem.

Ao apontarmos para questões da linguagem, aproximamo-nos de estudos de Mikhail Bakhtin, que nos oferecem suporte para aprofundar um pouco mais o entendimento do seja o ser e fazer constitutivos na / da linguagem. A questão dialógica estudada, especialmente, na obra de Dostoiévski, traz argumentos para uma reflexão sobre a multiplicidade de vozes. O reconhecimento da multiplicidade de vozes, em que uma se isola, se destaca e marca uma singularidade, nas relações difusas, elásticas e complexas de um grupo de pessoas, em um espaço educativo que se constitui nas e pelas relações dialógicas, talvez seja uma pista para pensar as relações de horizontalidade, seja entre professor e aluno, seja entre pesquisador e sujeito da pesquisa.

Na seqüência de nossas discussões teóricas, nos modos de ser e fazer juntos, pesquisadoras, estudantes graduandos educadores em formação, educandas e educandos adultos, aportamo-nos em alguns escritos de Jorge Larrosa (2004), e, antes, com Walter Benjamin (1996), que remete à questão da experiência, como algo que nos toca, nos acontece, nos afeta; algo que se vive, e até pode ser contada, relatada, narrada; sobretudo, que é intensamente compartilhada, mas é única de cada um de nós, um momento e acontecimento único. Assim entendemos o processo porque passam os integrantes educadores pesquisadores do PEJA, cuja produção vai se materializando em cada trabalho, ano após ano.

A produção no âmbito do PEJA

O TCC de Aline Marta de Souza (2005) surgiu antes mesmo de a aluna ingressar no curso de Pedagogia, na UNESP, pois desde a época em que cursou o Magistério, em 1998, questões relacionadas à educação de jovens e adultos a preocupavam, dentre elas a relativa à diminuição legal de idade para a obtenção do certificado em exames supletivos. É sobre este tema que versa tal TCC. A autora inicia sua pesquisa realizando uma revisão da história acerca da educação de jovens e adultos, discorre e analisa leis que visam a normatizar a EJA, como a 5692/71 e a 9394/96. Aponta como essa última gerou novos problemas para este tipo de educação ao possibilitar que adolescentes prestem os exames supletivos. Além disto, a autora, com o intuito de verificar o que revistas científicas têm publicado sobre tal tema, realiza um estudo exaustivo de todos os artigos da revista *Educação & Sociedade*, publicados entre 1996 e 2004, e os divide em três eixos, quais sejam, os que se referem diretamente à Educação de Jovens e Adultos, os que versam sobre política educacional e os que tratam de questões gerais sem se aterem, necessariamente, a educação. Conclui que em nenhum desses artigos, a problemática da diminuição de idade dos alunos da EJA foi abordada.

Joelaine de Oliveira Silva (2003) também nos traz um estudo bibliográfico. Em seu TCC, a aluna, após discutir o conceito de letramento, faz um levantamento de teses e dissertações que abordam tal tema e que foram produzidas na USP, UNICAMP e UNESP, entre os anos de 1997 e 2001. Elabora uma tabela em que consta a quantidade de trabalhos defendidos por ano, o que nos faz observar que se em 1997 cinco dissertações e teses foram defendidas nas três instituições, este número subiu para nove em 2001, o que indica o aumento da produção voltada para a EJA. O levantamento total realizado pela autora consta de vinte e cinco trabalhos e em seu TCC, Joelaine nos apresenta uma leitura comentada de cada um deles.

Entre os trabalhos que se direcionam às questões relacionadas à prática docente e à aprendizagem dos jovens e adultos, observamos a preocupação constante com o processo pelo qual tais alunos acessam o mundo da leitura e escrita. Um dos marcos teóricos em comum de tais trabalhos é Paulo Freire.

Em sua dissertação de mestrado, Josiane Soares de Faria Pádua (2008) realiza uma reflexão sobre a importância da História para alunos que estão na fase inicial de alfabetização. Aportado em escritos de Jorge Larrosa e Walter Benjamin, este texto busca as narrativas de vida de dezessete jovens e adultos

que freqüentam uma classe de supletivo em Limeira. A idade desses alunos variava entre 14 e 76 anos, sendo que a grande maioria se encontrava na faixa etária acima dos 70 anos. Todos os alunos eram migrantes que tinham suas vidas relacionadas ao desenvolvimento industrial do país. Reconstituiu, com o grupo, suas trajetórias de vida, resgatando emoções, sentimentos, idéias, desejos e temores que compõem o conjunto de significações que essas pessoas têm acerca do mundo. A autora percebeu que, após praticarem a valorização de suas histórias de vida, esses alunos de EJA construíram uma visão de “História” diferente daquela que haviam desenvolvido até então, na escola.

Da construção de uma outra visão de História também compartilham com Marcelo Dante Pereira (2008) algumas mulheres participantes das atividades educativas do PEJA. O tema que vinha sendo abordado nas aulas era o ensino de história, e entre os materiais selecionados estava a música *O samba do crioulo doido* de Stanislaw Ponte Preta. O diálogo estabelecido e as discussões acabaram levando ao período da ditadura militar, e o porto de ancoragem do estudo foi o MOBRAL². Deste, instaura-se a surpresa para o professor ao descobrir que três alunas haviam cursado o MOBRAL mas nenhuma relação estabeleciam com o período do regime militar; aliás, como regime político de governo quase nada sabiam. Por outro lado, confirmavam a conclusão do curso, inclusive tendo sido apresentado o certificado, por uma delas, assim como confirmavam que de nada valia pois quase nada tinham aprendido, e não só da história do Brasil; a situação do pouco aprendido também se confirma pelo fato de estarem presentes, ainda no ano de 2007, em uma sala de EJA.

Pondo em paralelo acontecimentos da história, no período, e músicas que veiculavam em forma de protesto, ou de propaganda do governo, Marcelo percebeu que as três mulheres tinham um alcance restrito de algumas questões mais críticas referentes ao regime militar, o que não era impeditivo para trazerem à baila outras questões da vida cotidiana de cidadãos brasileiros.

Um dos importantes argumentos do estudo desenvolvido por Marcelo é que a condição de certa marginalidade dessas mulheres, quanto aos assuntos políticos de um período, não as impede de serem coadjuvantes da História; e esse aspecto, na sua fala de estudante na graduação, não havia sido revelado pelos livros didáticos de História, com os quais tivera contato.

² Movimento Brasileiro de Alfabetização, criado pela Lei Federal no. 5379, de 15 de dezembro de 1967 e extinto em 1985.

Os trabalhos de conclusão de curso de Fernanda Carrochano (2005) e de Ingrid Zacarelli Brito (2004) enfocam a aprendizagem da escrita por jovens e adultos. O primeiro destes trabalhos faz uma revisão bastante extensa acerca da cultura epistolar e relata como, em certo momento de sua docência, após perceber dificuldades de aprendizagem de seus alunos, Fernanda resolveu solicitar-lhes que começassem a escrever cartas. Os alunos não apenas escreveram as cartas solicitadas, como também outras cuja iniciativa de solicitação da escrita partiu deles próprios. A educadora-pesquisadora percebeu como a prática cultural, cotidiana da escrita de epístolas impulsionou o trabalho pedagógico.

O TCC de Ingrid aborda o caminho percorrido pela autora de aluna do curso de pedagogia a professora de Língua Portuguesa. Relata sua relação com a gramática quando era aluna e como esta relação se alterou a partir da leitura de textos voltados para discussões acerca da linguagem, como os de Bakhtin (1986). Expõe como surgiu sua proposta pedagógica em que objetivava o letramento de seus alunos do PEJA por meio da escrita de textos em que os mesmos refletiam sobre suas aulas e conclui pela satisfação de poder implementar um trabalho pedagógico em que acreditava e com o qual iniciou sua aprendizagem sobre ser professora.

Em dissertação de mestrado, a pesquisa desenvolvida por Eliane Aparecida Bacocina (2007) propôs um aprofundamento de reflexões sobre a construção da leitura e da escrita tomando como ponto de partida e como desafio a ampliação da “leitura de mundo”, mediada por produções (pinturas) artísticas. A pesquisa delineou como objetivos uma maior compreensão dos processos criadores, buscando estabelecer uma relação entre estes e os processos de “leitura de mundo”, a partir da análise de material produzido por alunos adultos em sala de aula e de estudos teóricos; a criação de um espaço de interlocução com um grupo de educadoras em que se propuseram a experienciar a arte e refletir sobre seu papel na construção da leitura e da escrita; culminando com um apontamento de caminhos para a ampliação das concepções de leitura e o ato de escrever, relacionando-os com modos de existência, a partir da interlocução estabelecida pelas educadoras (sujeitos da pesquisa) e material produzido por alunos adultos, em sala de educação de jovens e adultos.

As relevantes contribuições desta pesquisa remetem-nos a alguns pontos de reflexão muito contundentes. Um deles, refere-se à interlocução estabelecida entre educadoras e o material produzido por alunos em sala de EJA, mediada pela pesquisadora; outro ponto remete à busca de fundamentos na arte - invenção

e criação - um modo de conceber a construção de saberes, por alunos adultos.

A pesquisa desenvolvida por Thais Surian, com Trabalho de Conclusão de Curso, dá visibilidade à escrita de mulheres com pouca escolaridade. Seu projeto inspirou-se na produção escrita por uma das alunas do PEJA, que formava um conjunto de relatos, contos, poesias entre outros. Quase semanalmente éramos surpreendidos com um novo texto. Na materialidade dos textos, liam-se segredos e histórias de sua vida, prazeres e frustrações, acontecimentos corriqueiros, cotidianos e inusitados; lia-se, sobretudo, o exercício constante, efetivo, tenso, saboroso do ato de escrever.

Tomando como inspiração teórico-metodológica a obra *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus (22001), Thais fez um levantamento de eixos que vão delineando os motivos que as levam (as mulheres sujeito de sua pesquisa) a escrever, os lugares e as condições em que ocorre a escrita, como o ato de escrever repercute para elas, e o que dizem do ato de escrever.

A contribuição do estudo de Thais se apresenta em dois aspectos: um deles é a visibilidade ao ato de escrever constante, até com certa regularidade, por mulheres que pouco freqüentaram a escola, por períodos curtos e nem sempre contínuos. Um outro aspecto é que a informação de uma mulher que escreve puxa outra, e nos surpreendeu, quantitativamente, a manifestação, por meio de um questionário aplicado em classes de educação de jovens e adultos, do município de Rio Claro, de mulheres que escrevem, seja diários, cadernos, cartas, etc. A investigação de Thais continua em um projeto de mestrado.

A título de considerações que não são finais

Os textos produzidos no âmbito do PEJA que se direcionam às questões relacionadas à prática docente e à aprendizagem dos jovens e adultos têm em comum a concepção do professor como aquele que educa educando-se, pois buscam valorizar as experiências e histórias de vidas dos alunos adultos. Neste sentido podemos afirmar que esses eles aproximam-se da concepção de Paulo Freire de educador humanista, pois

Sua ação, identificando-se desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no poder criador. (1987, p. 18).

Sendo assim, tais estudos optam por considerar os sujeitos mais do que simplesmente sujeitos participantes da pesquisa, mas como pessoas que experenciam a vida e que exercitam a ação política, entendida aqui, como aquela que se volta à reflexão sobre as circunstâncias opressoras da sociedade atual, inclusive as que ocorrem no campo simbólico. Daí tais trabalhos apontarem também para a importância, na educação, do diálogo entre os educandos/educadores e educadores/educandos, conforme preconizam também os textos de Freire.

Além disso, os trabalhos de conclusão de curso e as dissertações aqui apresentados indicam a necessidade de se considerar, no processo educativo, diferentes tipos de textos, como os na forma epistolar trabalhados por Fernanda; iconográfica, que participaram da pesquisa de Eliane; o musical utilizado por Marcelo em seu trabalho, e o analítico descritivo, como aqueles escritos pelos alunos sobre as aulas de Ingrid.

O PEJA como espaço educativo, que abrange a escolarização dos sujeitos educandos, e como espaço formativo, que o processo de formação docente, intelectual e acadêmica dos estudantes da graduação e pós-graduação envolvidos, e dão pistas para outros modos de olhar a educação de pessoas jovens e adultas.

Referências

- ANDRÉ, M. Pesquisa, formação e prática docente. In: _____.(org.) *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas, SP: Papirus, 2001, p.55-69.
- BACOCINA, Eliane A. *Leituras de mundo, saberes e modos de existência de educandos e educadores: contribuição para a invenção de modos de aprender e ler*. Dissertação de mestrado. Rio Claro, 2007. Disponível em http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brc/33004137064P2/2007/bacocina_ea_me_rcla.pdf
- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas vol. I. São Paulo, Editora Brasiliense. 1996.
- BRITO, I. Z. *A produção escrita de alunos adultos como matriz reveladora do processo de ensino aprendizagem da língua portuguesa*. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Claro. UNESP, 2004.

- CARROCHANO, F. *O emprego da escrita epistolar como ferramenta pedagógica na alfabetização de adultos*. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Claro. UNESP, 2005.
- CUNHA, M. I. Aula universitária: inovação e pesquisa. In: LEITE, D.; MOROSINI, M. (org.) *Universidade futurante*. Campinas, SP: Papyrus, 1997, p.79-93.
- FREIRE, P. *Sobre educação: diálogos* / Paulo Freire e Sérgio Guimarães. RJ: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 17ª. ed. RJ: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, 1999.
- JESUS, C.M.D. *Quarto de despejo*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- LARROSA, Jorge. Literatura, experiencia y formación. Una entrevista. In: *La experiencia de la lectura*. Estudios sobre literatura y formación. Barcelona, Espanha: Laertes, 1996.
- _____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/fev/mar/abr, 2002.
- _____. Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. In: BARBOSA, R.L.L. *Trajetórias e Perspectivas da Formação de Educadores*. SP: UNESP Ed., 2004.
- PÁDUA, J. S. F. *O processo de constituição do conhecimento histórico para alunos em educação de jovens e adultos*. Dissertação (mestrado). Departamento de Educação. Rio Claro. UNESP, 2008. Disponível em http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brc/33004137064P2/2008/padua_jsf_me_rcla.pdf
- PEREIRA, M. D. *Movimento Brasileiro de Alfabetização: um estudo a partir de experiências vividas por educandos, e contextualizadas historicamente*. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Claro. UNESP, 2007
- SILVA, J. O. *Alfabetização de jovens e adultos: estudos, práticas e desafios*. Trabalho de conclusão de curso. Rio Claro. UNESP, 2003.
- SOUZA, A. M. *Educação de jovens e adultos: focalizando alunos adolescentes*. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Claro. UNESP, 2005.
- SURIAN, T. *Mulheres escritoras relatam sua condição de mulher enquanto escrevem*. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Claro. UNESP, 2006.



Avaliação do final do ano no Jardim Esmeralda. D. Odete lê e copia sua carteira de identidade. Campus de Rio Claro, 2003.

Fonte: acervo do PEJA-Rio Claro.



Integrantes do PEJA visitam laboratório e se aproximam dos saberes científicos. Campus de Rio Claro, 2006.

Fonte: acervo do PEJA-Rio Claro.

Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo
Profa. Dra. do Departamento de Educação do Instituto de
Biotecnologia da UNESP - Universidade Estadual Paulista -
Campus de Rio Claro
E-mail: mrosamc@rc.unesp.br

Arlete de Jesus Brito
Profa. Dra. do Departamento de Educação do Instituto de
Biotecnologia da UNESP - Universidade Estadual Paulista -
Campus de Rio Claro
E-mail: arlete@rc.unesp.br
